



Universidades Lusíada

Coelho, Gabriela Vidinha

O impacto da COVID-19 em adolescentes : perceção da satisfação com suporte social e a associação com a satisfação das necessidades psicológicas básicas

<http://hdl.handle.net/11067/6199>

Metadados

Data de Publicação

2021

Resumo

Dado o atual contexto de pandemia e o seu potencial impacto negativo ao nível do desenvolvimento físico, psicológico e social das/os adolescentes, afigura-se de suma relevância aprofundar o impacto da COVID-19 na perceção das/os adolescentes acerca da sua satisfação com o suporte social e a associação com a satisfação das suas necessidades psicológicas básicas. O presente estudo teve como objetivo comparar a perceção da satisfação com o suporte social antes e durante a pandemia COVID-19, em adol...

Abstract: Given the current pandemic context and its potential negative impact on physical, psychological, and social development it is of great importance to understand the impact of the COVID-19 pandemic on adolescents' perception of their satisfaction with social support and its association with the basic psychological needs. This study aims to compare adolescents' perception of their satisfaction with social support before and during the COVID-19 pandemic. Additionally, it aims to understa...

Palavras Chave

Psicologia clínica, COVID-19, Adolescentes, Bem-estar

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-12-26T06:47:54Z com informação proveniente do Repositório



Universidade Lusíada - Norte
Porto

O impacto da COVID-19 em adolescentes: Perceção da satisfação com o suporte social e a associação com a satisfação das necessidades psicológicas básicas

Dissertação de Mestrado em **Psicologia Clínica**

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO, 2021

Gabriela Vidinha Coelho



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



Universidade Lusíada - Norte
Porto

O impacto da COVID-19 em adolescentes: Perceção da satisfação com o suporte social e a associação com a satisfação das necessidades psicológicas básicas

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO, 2021

Gabriela Vidinha Coelho

Trabalho efectuado sob a orientação do/a
Professora Doutora Sara Figueiredo Cruz



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Agradecimentos

No culminar deste meu percurso, quero agradecer a todos os que me apoiaram de forma incondicional de modo a tornar este sonho realidade.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Sara Cruz por ter aceitado este meu desafio. Sabedoria, autonomia e crescimento serão competências que irei levar comigo graças a si. Agradeço, ainda pelo alento dado face a esta fase de anseios e preocupações.

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão, pelo apoio e amor incondicional, por acreditarem em mim e por todos os esforços que fizeram para que eu tivesse as oportunidades que estes não tiveram. Hoje sou quem sou pelas experiências que vivi e pelas oportunidades que me foram dadas.

Agradeço à minha melhor e eterna amiga, Avó Maria. Pela confiança, pelos conselhos, pelo ombro amigo, por todo o apoio e crença em mim e, por todo o amor transmitidos no decurso da minha vida, obrigada! Para sempre no meu coração.

Agradeço ao meu noivo Pedro, à pessoa mais importante da minha vida, pela constante motivação, apoio, crença e carinho no decorrer deste percurso. Tem sido uma longa jornada repleta de desafios. Obrigada por caminharmos juntos, por sermos uma equipa e lutarmos pelas conquistas. Por último, agradecer-te pela exigência e rigor. Contigo cresci, cresço e irei crescer! “Unidos para o infinito e mais além”.

A todas/os as/os alunas/os e respetivas/os Encarregadas/os de Educação, que consentiram colaborar no estudo e, assim, possibilitaram a concretização do mesmo.

Agradeço a todas/os as/os Professoras/es que me acompanharam ao longo destes cinco anos por todos os conhecimentos transmitidos, pela compreensão e pelo carinho.

Agradeço à minha fiel amiga de curso, Beatriz Duarte, por todos estes anos felizes, pela amizade, pelo apoio incondicional e pelos momentos de convívio. Obrigada por teres entrado na minha vida.

Obrigada a todas/os as/os minhas/meus amigas/os e colegas pelo suporte, palavras, apoio, companheirismo e incentivo durante este percurso.

Índice

Introdução	1
Adolescência	3
Suporte Social	10
Necessidades Psicológicas Básicas	13
Objetivos e hipóteses de investigação.....	16
Método	17
Participantes.....	17
Instrumentos.....	18
Questionário Sociodemográfico.....	18
Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS).....	19
<i>Adolescent Students' Basic Psychological Needs at School Scale (ASBPNSS)</i>	19
Procedimento	20
Análise de dados.....	21
Resultados	22
Diferenças na satisfação com o suporte social em função do sexo das/os adolescentes, e entre o momento 1 e momento 2.....	22
Satisfação das necessidades psicológicas básicas como preditor da satisfação com o suporte social.....	23
Discussão	25
Limitações do estudo	29
Conclusão.....	30

Referências Bibliográficas31

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caraterização das/os participantes.....	18
Tabela 2. Diferenças na satisfação com o suporte social (pré e pós confinamento) em função do sexo das/os adolescentes.....	23
Tabela 3. Modelos de regressão linear simples: satisfação das necessidades psicológicas básicas como preditor da satisfação com o suporte social em adolescentes.....	24

Tabela de Figuras

Figura 1. Gráfico de dispersão: satisfação das necessidades psicológicas básicas como preditor da satisfação com o suporte social em adolescentes.....	24
--	----

Resumo

Dado o atual contexto de pandemia e o seu potencial impacto negativo ao nível do desenvolvimento físico, psicológico e social das/os adolescentes, afigura-se de suma relevância aprofundar o impacto da COVID-19 na perceção das/os adolescentes acerca da sua satisfação com o suporte social e a associação com a satisfação das suas necessidades psicológicas básicas. O presente estudo teve como objetivo comparar a perceção da satisfação com o suporte social antes e durante a pandemia COVID-19, em adolescentes. Adicionalmente, pretendeu-se compreender, a relação entre a perceção da satisfação com o suporte social e a satisfação das necessidades psicológicas básicas, durante a exposição à COVID-19 (após o primeiro período de confinamento em Portugal). Especificamente, pretendeu-se averiguar como a satisfação das necessidades psicológicas básicas pode prever a perceção de satisfação com o suporte social, em contexto escolar. Participaram neste estudo 1305 adolescentes (687 do sexo feminino e 618 do sexo masculino), entre os 12 e os 19 anos de idade ($M = 13.24$, $DP = .672$), que se encontravam a frequentar escolas portuguesas. Foi-lhes pedido que preenchessem um questionário sociodemográfico, a Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS, preenchida antes e durante a pandemia) e o questionário *Adolescent Students' Basic Psychological Needs at School Scale* (ASBPNSS, preenchido apenas durante a pandemia). As raparigas expressam maior satisfação com o suporte social no momento 1 (pré pandemia), comparativamente ao momento 2 (durante a pandemia). Relativamente às diferenças ao nível da satisfação com o suporte social entre os momentos 1 e 2, os resultados indicam que as/os adolescentes avaliam a satisfação com o suporte social de forma mais elevada no momento 2, comparativamente ao momento 1. Ademais, a satisfação das necessidades psicológicas básicas prediz significativamente a perceção de satisfação com o suporte social em adolescentes, durante a pandemia de COVID-19. Este estudo contribui para a literatura mostrando como a satisfação

das necessidades psicológicas básicas está associada com a percepção de satisfação com o suporte social, em adolescentes, em momentos mais desafiantes como a atual pandemia.

Palavras-chave: COVID-19; adolescentes; satisfação com o suporte social; necessidades psicológicas básicas

Abstract

Given the current pandemic context and its potential negative impact on physical, psychological, and social development it is of great importance to understand the impact of the COVID-19 pandemic on adolescents' perception of their satisfaction with social support and its association with the basic psychological needs. This study aims to compare adolescents' perception of their satisfaction with social support before and during the COVID-19 pandemic. Additionally, it aims to understand the relationship between the perception of satisfaction with social support and the satisfaction of basic psychological needs, during the exposure to COVID-19 (after the first lockdown in Portugal). Specifically, it is intended to ascertain whether the satisfaction of basic psychological needs can predict the perception of satisfaction with social support, in the school context. 1305 adolescents (687 females and 618 males) between 12 and 19 years of age ($M = 13.24$, $SD = .672$), who were attending Portuguese schools, participated in this study. Adolescents were asked to complete a sociodemographic questionnaire, the Social Support Satisfaction Scale (SSSS, completed before and during the pandemic) and the Adolescent Students' Basic Psychological Needs at School Scale (ASBPNSS, completed only during the pandemic). Girls expressed greater satisfaction with social support at moment 1 (before the COVID-19 pandemic), compared to moment 2 (during the COVID-19 pandemic, but after lockdown). Regarding differences in the level of satisfaction with social support between moments 1 and 2, results indicated that adolescents rated the satisfaction with social support higher at moment 2, compared to moment 1. Moreover, the satisfaction of psychological needs significantly predicted the perception of satisfaction with social support in adolescents, during the COVID-19 pandemic. This study contributes to the current literature by showing how the satisfaction of basic psychological needs is associated with the satisfaction with social support, in adolescents, during challenging times, such as the current pandemic.

Keywords: COVID-19; adolescents; satisfaction with social support; basic psychological needs

Lista de Siglas e Abreviaturas

ASBPNSS – *Adolescent Students' Basic Psychological Needs at School Scale*

ESSS – Escala de Satisfação com o Suporte Social

OMS – Organização Mundial de Saúde

NPB – Necessidades Psicológicas Básicas

SARS-CoV-2 – Novo coronavírus

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

Introdução

O novo coronavírus (SARS-CoV-2) foi identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. COVID-19 foi a designação dada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) à doença associada a este vírus. De acordo com a OMS, a pandemia COVID-19 foi considerada como uma situação de emergência de saúde pública global em janeiro de 2020.

Dados de surtos antecedentes evidenciaram que as pandemias estão associadas a um impacto psicológico negativo, embora até então tivesse sido pouco reconhecido (Massad et al., 2020). Uma investigação desenvolvida no âmbito do surto de ébola e o seu impacto psicológico, entre o ano de 2013 e o ano de 2016, demonstrou consequências psicossociais a três níveis – individual, comunitário e internacional (Van Bortel et al., n.d.). No que concerne ao nível individual, sujeitos infetados tendem a evidenciar níveis de *stress* mais elevados face à perceção de morte ou face ao testemunho da morte de outrem. A par disto, aqueles que sobreviveram à doença exibem sentimentos de culpa e vergonha, associados ao estigma individual e social. Relativamente ao nível comunitário, a estrutura social, bem como as interações pessoais, podem ficar afetadas na medida em que os indivíduos evidenciam medo de contrair a doença e medo face à suspensão do sistema de saúde (Van Bortel et al., n.d.).

Como combate à propagação da pandemia de COVID-19, foram decretadas várias medidas preventivas, entre as quais o distanciamento social e o confinamento (declaração de emergência decretada pela Presidência Portuguesa, número 14-A/2020). Estas medidas englobam a restrição de circulação de pessoas, a obrigatoriedade de permanência nos respetivos domicílios, bem como o dever do distanciamento social, utilização de máscara e higienização das mãos. Estas medidas podem constituir-se como um desafio à saúde mental dos indivíduos (Qi et al., 2020).

De acordo com Pallab e colaboradores (2020), verificou-se um impacto direto na vida das pessoas em diversas valências nomeadamente, social, económica, na saúde física e mental. Em particular, a maioria das pessoas refere o confinamento como uma experiência desagradável face às implicações que este acarretou tais como, o distanciamento da família e/ou amigos/os, a sensação de falta de segurança e incerteza em relação ao futuro (Massad et al., 2020), e sentimentos de frustração e tédio (Brooks et al., 2020). De destacar que estas medidas se configuram como um desafio ao bem-estar psicológico e à saúde mental, particularmente para as/os adolescentes, por se constituírem como um grupo vulnerável face ao período desenvolvimental em que se encontram (Miranda et al., 2020).

Neste sentido, torna-se pertinente compreender o impacto da pandemia de COVID-19 na perceção das/os adolescentes na satisfação com o suporte social. Ainda, importa compreender de que forma esta perceção se relaciona com a satisfação das suas necessidades psicológicas básicas, durante a exposição à pandemia e às diferentes medidas implementadas para travar a sua propagação.

Esta dissertação encontra-se estruturada em quatro secções. Na primeira secção encontra-se o enquadramento teórico do presente estudo, sendo definidos os objetivos e as hipóteses de investigação. Na segunda secção, são apresentados os aspetos metodológicos bem como o plano analítico. A terceira e quarta secção são dedicados, respetivamente, à análise e discussão dos resultados, sendo que nesta última se analisam as principais limitações deste estudo e são elaboradas algumas sugestões para investigação futura. Na quinta secção, sistematizam-se as principais conclusões deste estudo e reflete-se sobre as suas implicações para a intervenção psicológica.

Adolescência

A OMS define a adolescência como o período de vida que ocorre entre os 12 e os 19 anos de idade e onde ocorrem diversas alterações, quer ao nível físico (e.g., mudanças no corpo), como também ao nível psicológico, cognitivo, emocional e social (e.g., mudanças nas relações com os pares). De acordo com a OMS, a adolescência é caracterizada por três fases: pré-adolescência, dos 10 aos 14 anos; adolescência, dos 15 aos 19 anos; e juventude dos 15 aos 24 anos.

A adolescência refere-se à etapa que ocorre entre a infância e a fase adulta, sendo que neste período surgem alterações biopsicossociais nomeadamente, o surgimento do pensamento formal, aumento de autonomia face às figuras parentais, incrementação das interações sociais com os pares, desenvolvimento de uma identidade positiva e, construção de valores e projeto de carreira (Martins, 2005), bem-estar psicológico, imagem corporal e sexualidade (Franco et al., 2019).

Estas mudanças tornam as/os adolescentes mais suscetíveis e em risco para o desenvolvimento de perturbações mentais, como a ansiedade e depressão (Lemos, 2009; Rouxinol, 2018), perturbações alimentares, perturbações de personalidade e abuso de substâncias psicoativas, considerando-se a emergência destas dificuldades antes dos 18 anos de idade (Paus et al., 2008). Desta forma, torna-se pertinente intervir preventivamente neste público-alvo (Grolli & Wagner, 2017; King & Mclaughlin, 2014).

Do ponto de vista cognitivo e, de acordo com a perspetiva construtivista (Inhelder & Piaget, 1955), as/os adolescentes passam do estágio das operações concretas para o das operações formais, sendo este período caracterizado pelo aparecimento do raciocínio hipotético (e.g., noção do acaso) bem como, a capacidade de prever o resultado das suas ações num futuro mais ou menos distante (Canavarro, 2004). Deste modo, a/o adolescente

manifesta dificuldades no que concerne à avaliação dos efeitos nefastos face a uma ação (e.g., atividades de alto risco mesmo que socialmente aprovadas) (Gordon, 1990).

As tarefas desenvolvimentais promotoras para a entrada na idade adulta de um sujeito ajustado requerem que este se torne independente e autónomo face às figuras parentais (Sprinthall & Collins, 1994), promovendo a manutenção de uma vinculação segura com os mesmos (Machado & Oliveira, 2007). De acordo com Mesquita et al. (2011), as mudanças no decorrer do período desenvolvimental da/o adolescente ocorrem de forma integrada num contexto social que abrange a família, a escola e os pares. Deste modo, os progenitores assumem um papel fundamental na medida em que têm a capacidade de criar condições e proporcionar oportunidades para a realização eficiente das tarefas basilares face a um desenvolvimento normativo (Sprinthall & Collins, 1994).

No que concerne ao desajustamento familiar, são amplos os estudos que aferem a sua associação no envolvimento em comportamentos de risco interiorizados e/ou exteriorizados (e.g. Cicchetti et al., 1995; Claes et al., 2005; Machado, 2004; Soares, 2000) por parte das/os adolescentes nomeadamente, consumo de substâncias (Williams et al., 2002), comportamento alimentar desajustado (Rhee et al., 2006), práticas sexuais de risco (Riesch et al., 2006), automutilação (Skeeg, 2005) e suicídio (Evans et al., 2004). Este desajustamento do funcionamento do seio familiar desencadeia repercussões na saúde mental da/o adolescente (e.g., sintomas depressivos) (Baptista et al., 2001; Mesquita et al., 2011).

No que diz respeito ao funcionamento familiar normativo, especificamente a vinculação entre os pais e as/os adolescentes, tem sido demonstrado relações positivas aquando a associação entre vinculação segura e indicadores psicossociais da/o adolescente nomeadamente, a capacidade para estabelecer relações próximas (Ainsworth, 1991; Cicchetti & Rogosch, 2002; Scharf et al., 2004), a sensação de bem-estar (Armsden

& Greenberg, 1987; Love & Murdock, 2004; Raja et al., 1992), o desenvolvimento da autonomia/identidade psicológica (Cicchetti & Rogosch, 2002; Scharf et al., 2004), melhor adaptação à mudança para a universidade (Machado, 2007). Esta relação positiva propicia a concretização das tarefas desenvolvimentais das/os adolescentes (Machado & Oliveira, 2007).

O quotidiano e as alterações específicas desta fase desenvolvimental podem ser vistas como um desafio/exigência com que a/o adolescente tem que lidar, podendo ou não ser de forma normativa (Cleto & Costa, 1996). De acordo com Cleto e Costa (1996), quando não se verifica uma concordância entre estas alterações e/ou desafios (e.g., recursos pessoais e interpessoais: características individuais; apoio social disponível para lidar face aos desafios), então, pode verificar-se o surgimento de manifestações de *stress*. Face a isto, importa saber que estas alterações podem constituir-se como potenciadoras para o desenvolvimento de psicopatologia ou, por outro lado, podem constituir-se como uma adversidade (Brammer & Abrego, 1981; Rice et al., 1993; Schlossberg, 1981).

Inúmeros estudos têm evidenciado diferenças na expressão da psicopatologia em relação ao sexo dos indivíduos, sendo que as raparigas tendem a manifestar mais problemas de internalização (e.g., depressão, ansiedade e queixas somáticas) e os rapazes mais problemas de externalização (e.g., delinquência, agressividade e problemas de comportamento) (Galambos et al., 2014; Hayward & Sanborn, 2002; Hoffman et al., 2004).

Aquando da entrada na adolescência, os agentes stressores são associados à família; na fase intermédia estão relacionados com o grupo de pares e com a rede de conexões; e, por último, no fim da adolescência, estão associados com o rendimento académico e com a escola (Wagner & Compas, 1990). Segundo Cleto e Costa (1996), o início da adolescência é marcado por múltiplas transições e mudanças

concomitantemente, pelo que pode ser considerado como uma época potencialmente indutora de *stress*.

A literatura acerca do *stress* e do *coping*, considera este último como um fator indispensável para lidar com as ocorrências (e.g., normativas; não normativas) que surgem no quotidiano, particularmente na adaptação às alterações na fase desenvolvimental da/o adolescente (Cleto & Costa, 1996). Segundo Compas et al. (1987), o *coping* é a variável preditora com maior consistência interna no que se refere ao bem-estar psicológico. Por *coping* entende-se que são o efeito de relações transacionais entre variáveis pessoais (e.g., capacidades de resolução de problemas) e variáveis situacionais (e.g., apoio social, recursos monetários), manifestando-se pelo modo como a pessoa avalia a relação adaptativa (Lazarus, 1993; Lazarus & Folkman, 1991).

Segundo Claes (1985), o relacionamento das/os adolescentes é um fenómeno universal que reside na necessidade das/os próprias/os se relacionarem. Para estes, o grupo de pares demonstra ser significativo em diversas valências nomeadamente, na construção da identidade, suporte emocional e instrumental, assim como no apoio na resolução das tarefas desenvolvimentais (Alves-Martins, 1998; Gouveia-Pereira, 1995, 1998; Palmonari et al., 1990, 1991, 1992; Sherif, 1984). É através da aceitação e reconhecimento do indivíduo que um grupo proporciona experiências emocionais positivas para a/o adolescente e, por outro lado, a/o adolescente adquire o sentido de pertença (Cotterell, 1996). Estudos científicos evidenciam a adesão da maior parte das/os adolescentes a um grupo, podendo ser formal e/ou informal (Cavalli & De Lillo, 1988; Gouveia-Pereira, 1995; Olbrick, 1984; Palmonari, 1990; Nunes et al., 1989).

Atualmente, as/os adolescentes permanecem um longo período do dia no contexto escolar, pelo que se pode considerar este como um espaço que potencia a formação de grupo de pares (Gouveia-Pereira et al., 2000; Tian et al., 2014). Segundo Kroger (2000),

as/os adolescentes são obrigados a assumir um comportamento de acordo com o grupo que estão inseridos, perante uma determinada situação, independentemente de a sua identificação ao *ingroup* (i.e., grupo próprio ou de pertença) ser ou não vista como muito elevada (Bizarro, 1999; Tajfel, 1983). Assim, consideram-se os níveis cognitivo, avaliativo e emocional como base de construção da percepção e sentimento de pertença do *ingroup* e, é com suporte nessa percepção, que o indivíduo constrói a sua identidade social bem como, o modo como percebe outros grupos (*outgroup*) (Gouveia-Pereira et al., 2000).

A pandemia de COVID-19

A exposição de jovens a eventos de vida stressantes (dependendo do tipo e intensidade) potencia a emergência de psicopatologia, particularmente de problemas de externalização e internalização (Grant et al., 2004). Estes eventos de vida stressantes referem-se a eventos ambientais ou condições crónicas que põe em causa a saúde física e/ou psicológica, assim como o bem-estar de indivíduos (Grant et al., 2003). A pandemia de COVID-19 pode ser considerada como um evento traumático e uma adversidade que representa um grande desafio para a saúde mental das/os adolescentes, afetando o seu bem-estar emocional e o seu desenvolvimento social (Caffo et al., 2020).

No âmbito das medidas de combate à pandemia (i.e., confinamento e o distanciamento social), a saúde física e mental das/os adolescentes parece estar comprometida (Qi et al., 2020). Algumas das consequências diretas da pandemia incluem ansiedade, depressão, perturbações do sono e do apetite, bem como o prejuízo nas interações sociais (Imran et al., 2020).

De facto, evidência recente mostra que a falta de contacto com os pares e com o contexto escolar foi particularmente difícil para as/os adolescentes (Ellis et al., 2020; Wang et al., 2020), potenciando o isolamento social (Sheridan et al., 2020). Ademais,

alterações da rotina (Franic et al., 2020), a incerteza face ao futuro da pandemia (Koçak et al., 2021), o medo e a preocupação face a familiares e/ou amigas/os infetadas/os, a morte de familiares e/ou amigas/os, assim como contração do vírus pela/o própria/o (Işikli, 2020), são considerados fatores relevantes que parecem contribuir para o desenvolvimento de psicopatologia em jovens.

Um estudo realizado na França com alunas/os (n = 69054) durante a pandemia de COVID-19 demonstrou que 24.7% dos estudantes perceberam *stress* elevado, 27.5% ansiedade e 16.1% depressão, após o confinamento face à pandemia de COVID-19 (Wathelet et al., 2020). Um outro estudo realizado com adolescentes, entre os 12 e os 18 anos, na China (n = 8079), constatou que 37% destes apresentavam ansiedade e 43% apresentavam depressão, sendo as raparigas o grupo com maior risco associado, em virtude do confinamento devido à pandemia de COVID-19 (Guessoum et al., 2020). Por outro lado, estudos têm reportado que a qualidade do sono diminuiu significativamente aquando do surto de COVID-19 (Abuhmaidan & Al-Majali, 2020; Stern et al., 2020). Em acordo, os estudos parecem apontar no sentido de que o aumento de níveis de depressão e ansiedade podem resultar num declínio da experiência psicológica positiva das/os adolescentes (e.g., satisfação com a vida) (Courtney et al., 2020; Magson et al., 2020).

Segundo Yang et al. (2021), a resiliência psicológica é um traço psicológico que auxilia os indivíduos a resistir a fatores de pressão externa, assim como de preservar as suas funções psicológicas. Ryff et al. (1998), afirma que a resiliência diz respeito à capacidade de manter e recuperar o bem-estar perante as adversidades da vida. No que diz respeito ao bem-estar psicológico, Diener et al. (2009), define como a representação ideal do funcionamento positivo humano compreendendo as variáveis i) significado e propósito, ii) engajamento e interesse, iii) relacionamentos de apoio e recompensa, iiiii)

contribuir para o bem-estar dos outros, iiiii) competência, iiiiii) autoaceitação, entre outros.

Tem sido demonstrado que indivíduos com um elevado nível de resiliência psicológica relatam ter um elevado nível de saúde mental, a despeito do *stress* provocado pela pandemia, surgindo como um fator de proteção (Rane et al., 2020). Um estudo realizado por Fragoso e colaboradores (2019), aferiu que quanto maior forem os níveis de eficácia e eficiência face às adversidades do quotidiano (i.e., potenciam a forma como a/o adolescente se sente nomeadamente, sentir-se-á melhor consigo própria/o, mais capaz e segura/o perante os acontecimentos), maiores serão os níveis de bem-estar.

De acordo com Coventry et al. (2004), mais bem-estar e melhor qualidade de saúde estão diretamente relacionados ao impacto que o suporte social carece neste âmbito. Um estudo realizado por Glowackz e Schmits (2020), demonstrou que as/os adolescentes indicaram sentir falta do contacto direto com as/os amigas/os, familiares e colegas, aquando dos primeiros meses da pandemia, reportando ainda, que o(s) contacto(s) através das redes sociais não foram o suficiente. A carência de contacto direto entre indivíduos parece explicar o sentimento de solidão associados ao confinamento (Mental Health Foundation, 2020a), estando esta diretamente relacionada com a saúde mental (Wang, et al., 2017). Um estudo realizado com adolescentes evidenciou que mais de um terço destes, reportou níveis elevados de solidão (Lim, 2020; Youngs Mind, 2020).

Considerando os efeitos diretos provocados pelo isolamento e confinamento forçados, o sentimento de solidão parece uma consequência não intencional das medidas de contenção da doença, sendo particularmente problemático para as/os adolescentes (Lim, 2020; Mental Health Foundation, 2020b). Isto pode ser devido à relevância particular do grupo de pares para a construção de identidade assim como de apoio durante esta trajetória desenvolvimental (Brown et al., 1986; Meeus & Dekovic, 1995).

Suporte Social

O suporte social refere-se ao meio social em que os indivíduos se inserem ou às pessoas que contemplam a sua rede social (Helgeson, 2003). Este conceito agrega duas categorias - a objetiva e a subjetiva. O suporte objetivo diz respeito à integração e colaboração em relações comunitárias (i.e., estado civil, número de amigos, frequência de contacto, redes sociais); o suporte subjetivo refere-se à experiência individual, à sua satisfação com o suporte social e ao modo como compreende essa experiência (Gaspar et al., 2009; Qi et al., 2020; Ribeiro, 1999).

A incorporação de contributos positivos caraterísticos do suporte social edificam duas dimensões: funções da rede de suporte social e constituintes da mesma. A primeira dimensão remete para o apoio da rede social em função das relações e interações interpessoais na medida em que potencializam a promoção da saúde, assim como o bem-estar das/os mesmas/os. Por outro lado, a segunda dimensão, tal como o próprio nome indica, refere-se às/aos amigas/os, familiares, entre outros. De ressaltar que a relação estabelecida, bem como o grau de satisfação com a/o outra/o e a função que esta/e desempenha na relação, são fatores a serem considerados (Boosman et al., 2002).

Para que um indivíduo se considere como satisfeito em relação ao seu suporte social é necessário a contemplação de determinados domínios nomeadamente, a saúde e o bem-estar físico, psicológico e social, contentamento com a vida, bem como a existência de positividade em relação a si e aos outros (Sarason et al., 1994).

Assim sendo, o suporte social abarca duas finalidades: a positiva e a geral. Na primeira finalidade consideram-se as competências que o indivíduo tem perante situações exigentes e que se constituem como momentos de *stress*. No que concerne à finalidade geral, esta contempla a resiliência. Deste modo, é expectável que quanto maior for a

satisfação com o suporte social, melhor será o bem-estar subjetivo do indivíduo, particularmente, no âmbito familiar, social e acadêmico (Colarossi, 2001).

De acordo com Cramer et al. (1997), o suporte social pode ser de duas formas: percebido e recebido. No que concerne ao suporte social percebido, este é o suporte que o indivíduo percebe como disponível na eventualidade de precisar. Em contrapartida, o suporte social recebido diz respeito ao suporte social recebido pelo indivíduo.

Um estudo, realizado com 505 adolescentes, constatou que adolescentes com elevado apoio percebido da família evidenciaram menos indicadores de depressão e delinquência, enquanto adolescentes com maior apoio percebido pelos pares demonstraram, também, níveis mais baixos de depressão e, contrariamente, níveis inconsistentes de delinquência (Licitra-Kleckler & Waas, 1993). Cheng (1997), constatou que o suporte social percebido era capaz de mitigar a sintomatologia depressiva, em adolescentes chineses que apresentavam elevados níveis de *stress*.

Um outro estudo realizado na Noruega com alunas/os (n = 1057), entre os 14 e 15 anos, observou que eventos de vida negativos estavam diretamente associados ao mau comportamento, quer em meninas, quer em meninos (Bru et al., 2001). Por outro lado, os autores verificaram que o suporte por parte de familiares, pares e professores está negativamente associado ao mau comportamento destes.

Por último, com o objetivo de compreender a associação entre suporte social e constructos psicológicos positivos (e.g., bem-estar psicológico, capacidade percebida de obter e experienciar eventos de vida positivos), foi realizado um estudo com 82 alunas/os, entre os 16 e os 18 anos de idade (Meehan et al., 1993). Os autores verificaram que o apoio social está positivamente relacionado com as dimensões positivas subjetivas (e.g., felicidade, gratificação e autoconfiança), mas não com dimensões negativas (e.g., vulnerabilidade, tensão e incerteza), contribuindo positivamente para a saúde mental.

Ademais, o apoio social está associado significativamente à capacidade percebida das/os adolescentes para adquirir e experienciar eventos de vida positivos.

Globalmente, o sexo feminino apresenta valores superiores quanto à percepção do suporte social geral, comparativamente com o sexo masculino. Em contrapartida, este apresenta valores mais elevados no que concerne à percepção de suporte social face aos familiares, especificamente os pais (Colarossi, 2001). Por fim, a família configura-se como fonte primordial de suporte para as/os adolescentes (Ribeiro, 1999).

Segundo Ornelas (1994), os rapazes apresentam valores mais elevados no que diz respeito à socialização; as raparigas apresentam valores superiores no que concerne à intimidade e à confiança nas relações com os pares, reportando, ainda, um número superior de amigas/os próximas/os. Desta forma, as raparigas percebem ter uma rede social maior, assim como adquiririam maior suporte por parte das/os amigas/os. Estas diferenças podem ser justificadas pelo facto de as raparigas valorizarem a intimidade e a partilha, enquanto os rapazes valorizam mais a independência (Golden, 2002).

O suporte social é visto como um fator protetor face à emergência de doenças físicas e psicológicas (Dunbar et al., 1998), visto que proporciona experiências positivas que, por sua vez, se encontram associadas, positivamente, à saúde mental (Achate et al., 1998). Estudos longitudinais apontam para a relevância das relações de suporte social no apoio aos indivíduos para lidarem com situações adversas (Natvig et al., 2003; Winefield et al., 2015). Neste âmbito as restrições subjacentes à prevenção da propagação da doença de COVID-19 podem comprometer o funcionamento social das/os adolescentes e promover a emergência de psicopatologia (Singh et al., 2020).

A satisfação com o suporte social é uma das dimensões que contribui para as necessidades psicológicas básicas (NPB). Esta contribuição assenta no dinamismo das

relações interpessoais nomeadamente, nas pessoas com quem estabelecemos interações e em que contextos o fazemos (Simões & Alarcão, 2013; Zhang et al., 2015).

Necessidades Psicológicas Básicas

As necessidades psicológicas básicas estão inseridas na teoria da autodeterminação e englobam i) a autonomia, ii) a competência e iii) a(s) relação(ões) com o(s) outro(s) (Deci & Ryan, 1985, 2000). A autonomia refere-se à perceção da capacidade de tomar decisões face aos comportamentos a realizar. A competência é a perceção da capacidade face às ações a desencadear (Oram et al., 2020). E, por último, a(s) relação(ões) com o(s) outro(s) diz respeito à perceção de aceitação por parte dos pares. A satisfação destas necessidades contribui para a promoção do bem-estar global dos indivíduos bem como para o envolvimento em comportamentos positivos (Chirkov & Ryan, 2001; Deci & Ryan, 2002; Patrick et al., 2007; Reis et al., 2000; Ryan & Deci, 2000), sendo que quando tal não acontece, pode resultar na emergência de comportamentos negativos e frustração (Behzadnia & FatahModares, 2020). A satisfação destas necessidades é fundamental para o funcionamento dos indivíduos, quer num modo global, quer em contextos específicos (e.g., escola, trabalho, hobbies) (Milyavskaya & Koestner, 2011).

Para as/os adolescentes, a escola revela-se como um contexto de particular importância para a satisfação destas necessidades, considerando ser um dos principais contextos onde estão inseridas/os. De acordo com a evidência empírica existente acerca da teoria da autodeterminação, estudos demonstraram que quer a autonomia, quer o sentimento de pertença a este contexto, contribuem para o envolvimento positivo na escola, bem como para um melhor desempenho académico (Connell & Wellborn, 1991; Flink et al., 1990; Ryan & Deci, 2000; Ryan & Powelson, 1991; Wentzel et al., 2004). Por exemplo, Fortier et al. (1995), constataram que a competência escolar percebida

estava diretamente relacionada com a motivação autónoma neste âmbito e, por sua vez, refletia-se positivamente no desempenho escolar. Assim, a satisfação das necessidades psicológicas básicas em contexto escolar promove o sucesso escolar e o comportamento positivo das/os alunas/os neste contexto. Desta forma, compreende-se efetivamente que a satisfação das necessidades psicológicas das/os estudantes na escola está proporcionalmente correlacionada com as aprendizagens adquiridas e com o envolvimento social (Tian et al., 2014).

Deste modo, a satisfação das necessidades psicológicas básicas resulta numa influência direta no desenvolvimento positivo das/os adolescentes assim como numa maior sensação de bem-estar (Deci & Ryan, 2000; Farkas & Grolnick, 2010; Moreira, 2017; Vansteenkiste & Ryan, 2013).

Um estudo realizado por Tian et al. (2016), teve como principal objetivo testar o modelo teórico das necessidades psicológicas básicas na escola, com adolescentes chineses (n = 1476). Os resultados evidenciaram que o apoio social relacionado à escola (i.e., apoio da/o professor(a), apoio da/o colega) está associado, de forma estatisticamente significativa, com o bem-estar subjetivo das/os adolescentes. Foi possível, ainda, verificar que as variáveis autonomia, competência e relação com as/os outras/os mediou, parcialmente, a relação entre o apoio da/o professor(a) e o bem-estar subjetivo associado à escola; e, mediou a relação entre o apoio da/o colega e o bem-estar subjetivo relacionado com este contexto. Orkibi e Ronen (2017), num estudo com 1576 adolescentes israelitas, dos quais 54% eram do sexo feminino, verificam que, quer as raparigas, quer os rapazes, com elevada competência de autocontrolo reportam maior satisfação das necessidades psicológicas básicas na escola e, conseqüentemente, maior bem-estar subjetivo relacionado com a escola.

Num estudo longitudinal efetuado por Tian e colaboradores (2015), verificaram que quer os fatores sociais contextuais (e.g., apoio social relacionado à escola) quer os fatores individuais (e.g., competência escolar, aceitação social) são fundamentais para o bem-estar subjetivo das/os adolescentes na escola.

Face à emergência da pandemia COVID-19, foi necessário adotar medidas rigorosas (e.g., confinamento, mudança de métodos de ensino à distância) para a contenção da disseminação do vírus (OMS, 2020) que, por sua vez, implicou uma reestruturação na vida das/os adolescentes (Holzer et al., 2021). Este processo implicou a exposição a múltiplos desafios na manutenção do bem-estar das/os mesmas/os (e.g., insatisfação das necessidades psicológicas básicas) (Šakan et al., 2020), comprometendo assim a motivação intrínseca das/os adolescentes face à escola (Zaccoletti et al., 2020).

De acordo com Reeve (2002), a motivação escolar das/os adolescentes está diretamente associada ao apoio da autonomia por parte das/dos docentes, assim como dos progenitores (Furrer & Skinner, 2003) e o apoio social (Green-Demers, 2006). Segundo Ryan et al. (1994), o *feedback* construtivo e a troca de informações entre as/os adolescentes e as/os amigas/os, familiares e professoras/es podem satisfazer as necessidades de competência. Desta forma, Masten (2001), reconhece o papel do apoio social no âmbito da capacidade para lidar com as adversidades de forma mais eficaz, sendo que o estabelecimento de relacionamento com pares significativos (e.g., amigas/os, familiares, colegas, professoras/es) aumentam a resiliência das/os adolescentes (Taylor et al., 2010).

Posto isto, torna-se pertinente a satisfação das três necessidades psicológicas básicas de forma a salvaguardar a motivação académica e a saúde mental das/os adolescentes face à pandemia COVID-19.

Objetivos e hipóteses de investigação

A pandemia COVID-19, assim como as medidas de prevenção da sua propagação, podem constituir-se como um fator de *stress*, em particular na adolescência. A satisfação das necessidades psicológicas básicas dos indivíduos está diretamente relacionada com os agentes sociais envolventes na medida em que o suporte destes promove o bem-estar dos mesmos. Neste sentido, torna-se relevante aprofundar o impacto da pandemia de COVID-19 na perceção das/os adolescentes com a sua satisfação com o suporte social e a relação com a satisfação das necessidades psicológicas básicas.

Apesar do estudo da associação entre as dimensões de satisfação com o suporte social e as necessidades psicológicas básicas ter sido descrita na literatura (Gaspar et al., 2009; Tian et al., 2014), existem, ainda, escassos estudos que se debruçam, em particular, sobre o impacto da COVID-19 na perceção da satisfação com o suporte social. De modo a aprofundar o conhecimento neste âmbito, o presente estudo tem como objetivo compreender como as/os adolescentes percecionam a sua satisfação com o suporte social durante a pandemia de COVID-19. Para isso, este estudo pretende averiguar diferenças quanto à perceção da satisfação com o suporte social das/os adolescentes, comparando dois momentos: o momento 1 – antes do surgimento da pandemia de COVID-19; o momento 2 – durante a exposição à pandemia de COVID-19, avaliado após o primeiro momento de confinamento decretado em Portugal. Adicionalmente, pretende-se averiguar se as necessidades psicológicas básicas, apenas avaliadas no segundo momento, predizem a perceção da satisfação com o suporte social das/os adolescentes durante a exposição à pandemia (momento 2).

Hipotetiza-se que as/os adolescentes reportem maior perceção da satisfação com o suporte social no momento 1 (antes da pandemia de COVID-19) comparativamente com o momento 2 (durante a exposição à pandemia de COVID-19). Hipotetiza-se, ainda,

que durante a exposição à pandemia de COVID-19 (momento 2), maior satisfação das necessidades psicológicas básicas em contexto escolar prediga melhor percepção da satisfação com o suporte social, em adolescentes.

Método

Participantes

Participaram, neste estudo, 1305 adolescentes (687 do sexo feminino e 618 do sexo masculino), entre os 12 e os 19 anos de idade ($M = 13.24$; $DP = .672$), a frequentar escolas portuguesas. Entre as/os adolescentes que constituíram a amostra, 780 frequentavam o 7.º ano de escolaridade e 525 o 8.º ano de escolaridade. No que concerne à nacionalidade, 1281 são portugueses, 6 são de nacionalidade brasileira, 2 de nacionalidade chinesa, 3 de nacionalidade francesa, 1 de nacionalidade franco-lusitana e 12 têm dupla nacionalidade. A caracterização sociodemográfica das/os participantes envolvidas/os neste estudo encontra-se descrita na Tabela 1. Como critério de inclusão foi considerado o domínio da língua portuguesa de forma a responder aos questionários. Não participaram neste estudo adolescentes com dificuldades na esfera cognitiva, que inviabilizassem o preenchimento autónomo dos questionários.

Tabela 1*Caraterização das/os participantes*

	N	%
Sexo		
Feminino	687	52.6
Masculino	618	47.4
Escolaridade		
7.º ano	780	59.6
8.º ano	525	40.2
Nacionalidade		
Portuguesa	1281	98.2
Brasileira	6	.5
Chinesa	2	.2
Francesa	3	.2
Franco-lusitana	1	.1
Dupla nacionalidade	12	.9

Instrumentos**Questionário Sociodemográfico**

Foi administrado um questionário sociodemográfico de forma a recolher informação referente à idade, sexo, nacionalidade, ano de escolaridade e tipo de escola que a/o adolescente se encontrava a frequentar (i.e., pública, privada, profissional), assim como recolher informações relativas ao seu agregado familiar (i.e., coabitação, escolaridade dos progenitores, estado civil, profissão).

Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS)

Para avaliar a satisfação com o suporte social, foi utilizada a adaptação portuguesa da Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS; Gaspar et al., 2009), para crianças e adolescentes entre os 9 e os 12 anos de idade. É constituída por 12 itens, aferidos numa escala de *Likert* de 5 pontos (1 = concordo totalmente; 5 = discordo totalmente). Integra duas dimensões: Satisfação com o Suporte Social (e.g., *Estou satisfeito com a quantidade de amigos que tenho*) e Necessidades de Atividades ligadas ao Suporte Social (e.g., *Estou satisfeito com as atividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos*). A primeira dimensão é constituída por 6 itens de conotação positiva (e.g., *Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer*). Por outro lado, a segunda dimensão é composta por 6 itens de conotação negativa (e.g., *Não estou com amigos tantas vezes quantas eu gostaria*). A pontuação total de cada escala é obtida através do cálculo do somatório das pontuações dos itens que a integram.

O cálculo do alfa de Chronbach revelou adequada consistência interna do questionário ($\alpha = .70$).

***Adolescent Students' Basic Psychological Needs at School Scale* (ASBPNSS)**

Para avaliar as necessidades psicológicas básicas na escola, foi utilizada a adaptação portuguesa da *Adolescent Students' Basic Psychological Needs at School Scale* (ASBPNSS; Tian et al., 2014), que se dirige a crianças e adolescentes entre os 9 e os 16 anos de idade. Este instrumento tem como objetivo avaliar dimensões como a autonomia, a competência e a(s) relação(ões) com o(s) outro(s), em contexto escolar. É constituída por 15 itens, aferidos numa escala de *Likert* de 5 pontos (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente). Integra três escalas: Autonomia, Competência e Relação com os outros. A escala da Autonomia é constituída por 4 itens (e.g., *Consigo decidir por mim*

próprio o que fazer na escola/aulas). Por seu turno, a escala de Competência é constituída por 5 itens (e.g., *Sou capaz de aprender novas matérias na escola/aulas*). Por último, a escala de Relação com os outros é composta por 6 itens (e.g., *Os professores e os meus colegas de turma são amigáveis comigo na escola/aulas*). A pontuação total da escala das Necessidades Psicológicas Básicas resulta do somatório das pontuações obtidas nas três escalas integrantes.

No que diz respeito à consistência interna do instrumento, foram obtidos os seguintes resultados nas diferentes escalas: Satisfação com a Escola ($\alpha = .89$); Afeto Positivo na Escola ($\alpha = .78$); Afeto Negativo na Escola ($\alpha = .81$); Escala Total ($\alpha = .86$).

Procedimento

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Universidade Lusíada - Norte – Porto.

Num primeiro momento foi realizado um contacto com a Direção Geral de Educação de Portugal de forma a assegurar as considerações éticas necessárias para a recolha de dados em escolas portuguesas. Posteriormente, foi feita uma pré-seleção das mesmas, tendo em conta a categoria de escola (e.g., média, mista ou secundária), a sua distribuição entre as regiões e o peso relativo de cada uma a nível nacional e regional. Foram contactadas por email ou telefone as 200 escolas pré-selecionadas, sendo que destas, 83 aceitaram participar no estudo (81 públicas, 1 privada e 1 profissional; 32 de ensino médio e 51 mistas).

Em cada escola, foi identificada/o a/o professora/professor representante de forma a agilizar a comunicação entre os investigadores e as/os adolescentes. De seguida, foram enviados, por correio, os protocolos de avaliação, para cada escola, assim como os consentimentos informados para a/o representante legal de cada estudante. A devolução

do consentimento informado, devidamente assinado, permitiu garantir a participação das/os alunas/os.

A primeira recolha de dados realizou-se entre abril e junho de 2019, no momento anterior à emergência da COVID-19 (momento 1). Após a recolha de dados, a/o professora/professor representante de cada escola enviou os questionários preenchidos para a equipa de investigação.

O segundo momento de recolha de dados ocorreu entre maio e junho de 2020, durante a pandemia de COVID-19, após o primeiro período de confinamento em Portugal (momento 2). Uma vez que neste momento as/os alunas/os ainda não tinham regressado às aulas presenciais, foi necessária a elaboração de um novo procedimento de recolha de dados. Deste modo, com recurso à plataforma *GoogleForms*, foi criado um formulário *online* para o preenchimento dos questionários. Contactou-se novamente as 83 escolas com o intuito de averiguar a viabilidade de proceder à recolha de dados *online*. Deste contacto, 56 aceitaram participar. As restantes 26 escolas, estas não consentiram colaborar devido a problemas de adaptação às aulas *online* em casa e ao facto de as/os suas/seus alunas/os não disporem da tecnologia necessária para aceder aos questionários em formato *online*. Através da colaboração das/os professoras/es responsáveis, identificados no momento 1, o *link* de preenchimento foi enviado para as/os estudantes que participaram no primeiro momento do presente estudo.

O preenchimento dos questionários demorou aproximadamente 20/30 minutos.

Análise de dados

A análise de dados foi efetuada com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences 27.0* (SPSS 27.0).

Foi realizada estatística descritiva, de forma a caraterizar as/os participantes envolvidos neste estudo. Segundo Martins (2011), a estatística descritiva diz respeito a

um conjunto de medidas (i.e., de tendência central e de dispersão) que nos possibilitam caracterizar, de uma forma concisa, um conjunto de dados. Deste modo, a amostra foi descrita quanto ao sexo, idade, escolaridade e nacionalidade. De seguida, aferiu-se se as variáveis em estudo (i.e., satisfação com o suporte social momento 1 e 2) cumpriam o pressuposto da normalidade, com recurso ao teste de normalidade de Shapiro-Wilk. Constatou-se que as variáveis cumpriram com o requisito de normalidade (teste de Shapiro-Wilk não significativo). Assim, prosseguiu-se com a estatística paramétrica.

Foi efetuado o teste *t-student* para amostras independentes, controlando para o sexo, de forma a perceber se existiam diferenças entre as raparigas e os rapazes, ao nível da satisfação com o suporte social, no momento 1 e no momento 2. De forma a compreender se as/os participantes reportavam diferenças relativamente à satisfação com o suporte social entre o momento 1 e o momento 2, foi realizado o teste *t-student* para amostras emparelhadas. Posteriormente, foi mobilizada a realização de um modelo de regressão linear, com vista a perceber de que modo a satisfação das necessidades psicológicas básicas prediz a perceção de satisfação com o suporte social, no momento 2.

Resultados

Diferenças na satisfação com o suporte social em função do sexo das/os adolescentes, e entre o momento 1 e momento 2

Os resultados indicam que, no momento 1, existem diferenças estatisticamente significativas ao nível da satisfação com o suporte social entre os rapazes e as raparigas, $t(1303) = -5.38, p < .001$. As raparigas avaliam a satisfação com o suporte social de forma mais positiva do que os rapazes (Tabela 2). Em contrapartida, os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas ao nível da satisfação com o suporte social entre rapazes e raparigas, relativamente ao momento 2, $t(1303) = 1.54, p = .12$ (Tabela 2).

Relativamente às diferenças ao nível da satisfação com o suporte social entre os momentos 1 e 2, os resultados indicam que as/os adolescentes avaliam o suporte social de forma mais elevada no momento 2, comparativamente ao momento 1, $t(1304) = -16.68, p < .001$ (Tabela 2).

Tabela 2

Diferenças na satisfação com o suporte social (pré e pós confinamento) em função do sexo das/os adolescentes

		Sexo Feminino (n = 687)	Sexo Masculino (n = 618)	Total (n = 1305)
		<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Satisfação com o suporte social (score total)	Momento 1	3.52 (.62)	3.34 (.59)	3.44 (.61)
	Momento 2	3.75 (.56)	3.80 (.53)	3.77 (.55)

Satisfação das necessidades psicológicas básicas como preditor da satisfação com o suporte social

A regressão linear realizada permitiu observar que a satisfação com o suporte social explica 7.7% ($R^2 = .077$) da variância ao nível da satisfação com as necessidades psicológicas básicas. Os resultados indicam que a satisfação das necessidades psicológicas básicas prediz significativamente a perceção de satisfação com o suporte social em adolescentes, durante a pandemia de COVID-19, $F(1, 1214) = 101.626, p < .001$ (ver tabela 3 e Figura 1).

Tabela 3

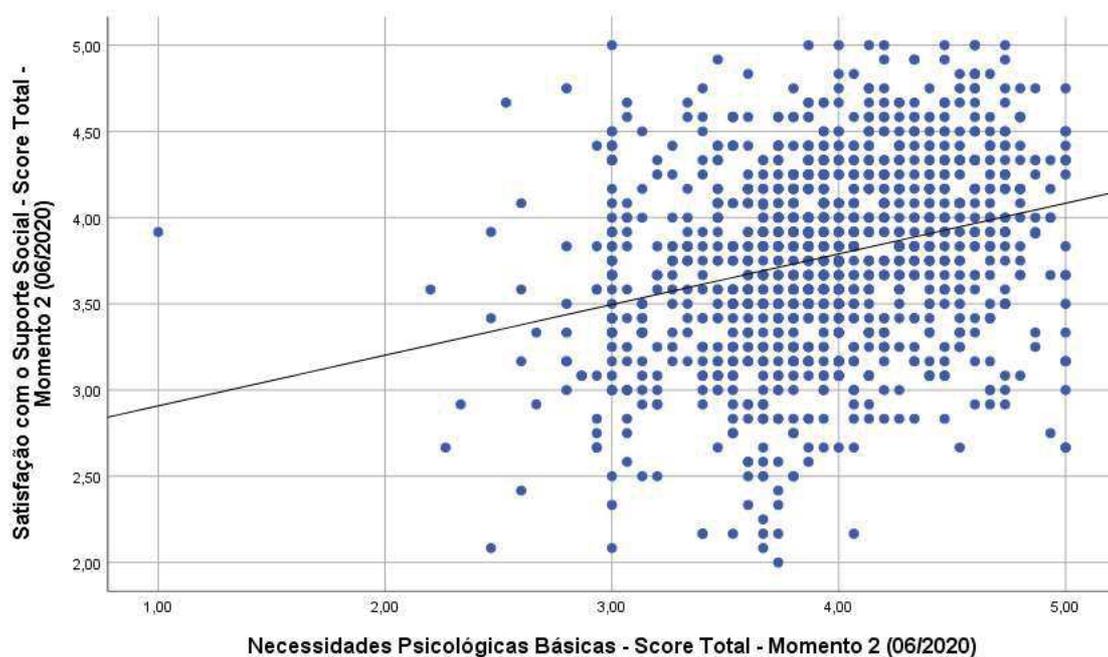
Modelos de regressão linear simples: satisfação das necessidades psicológicas básicas como preditor da satisfação com o suporte social em adolescentes

	Satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas		
	β	t	p
Satisfação com o Suporte Social	.278	10.081	.000*

* $p < .001$

Figura 1

Gráfico de dispersão: satisfação das necessidades psicológicas básicas como preditor da satisfação com o suporte social em adolescentes



Discussão

Este estudo teve como objetivo primordial compreender o impacto da COVID-19 na percepção da satisfação com o suporte social e como esta percepção se relaciona com a satisfação das necessidades psicológicas básicas, em adolescentes. Especificamente, pretendeu-se averiguar se existiam diferenças relativamente à percepção da satisfação com o suporte social das/os adolescentes, comparando dois momentos: o momento 1 – antes do surgimento da pandemia de COVID-19; e o momento 2 – durante a exposição à pandemia de COVID-19, avaliada após o primeiro momento de confinamento decretado em Portugal. Adicionalmente, pretendeu-se compreender se as necessidades psicológicas básicas, avaliadas no segundo momento, prediziam a percepção da satisfação com o suporte social durante a exposição à pandemia.

A associação entre as dimensões de satisfação com o suporte social e as necessidades psicológicas básicas tem sido vastamente descrita na literatura (Gaspar et al., 2009; Tian et al., 2014). Contudo, que seja do nosso conhecimento, ainda existem escassos estudos que se debrucem, em particular, sobre o impacto da exposição à pandemia de COVID-19 na percepção da satisfação com o suporte social, avaliados nestes dois momentos, e na associação entre a satisfação das necessidades psicológicas básicas e a satisfação com o suporte social, em adolescentes.

Diferenças na satisfação com o suporte social em função do sexo das/os adolescentes, e entre o momento 1 e momento 2

Os resultados mostraram que as raparigas expressam maior satisfação com o suporte social no momento pré pandemia (momento 1) do que os rapazes. Isto parece indicar que as raparigas apresentam valores superiores de satisfação com o suporte social.

De acordo com a literatura, a adolescência corresponde a uma fase desenvolvimental que ocorre entre a infância e a fase adulta. Associada a esta,

consideram-se as alterações físicas, psicológicas, emocionais, cognitivas e sociais que tornam a/o adolescente mais suscetível para o desenvolvimento de psicopatologia (e.g. ansiedade, depressão) e, podem ser percebidas como um desafio/exigência com que a/o mesma/o tem que lidar (Cleto & Costa, 1996; Lemos, 2009; Rouxinol, 2018). O suporte social é imprescindível nesta fase na medida em que promove a construção de identidade, saúde e bem-estar, dá suporte emocional e instrumental e, alicerça-se no apoio para a resolução das tarefas desenvolvimentais (Alves-Martins, 1998; Franco et al., 2019; Gouveia-Pereira, 1995, 1998; Palmonari et al., 1990, 1991, 1992; Sherif, 1984). Segundo Colarossi (2001), quanto maior for a satisfação com o suporte social então, melhor será o bem-estar subjetivo da/o adolescente. Assim, o suporte social é percebido como uma prática preventiva face à emergência de doenças físicas e psicológicas, uma vez que proporciona experiências positivas aliando-se a uma maior saúde mental.

Os nossos resultados parecem corroborar as conclusões de Colarossi (2001), Golden (2002) e Zhu et al. (2021), que evidenciaram que, globalmente, as raparigas percebem ter uma rede de suporte social maior comparativamente com os rapazes, assim como adquirirão maior suporte por parte das/os amigas/os. Estas diferenças podem ser justificadas pelo facto de estas valorizarem a intimidade e a partilha, ao passo que os rapazes valorizam mais a independência.

A par disto, verifica-se um aumento na percepção de satisfação com o suporte social no momento 2 comparativamente com o momento 1, contrariamente à hipótese de investigação postulada no início deste estudo. Este aumento poderá ser justificado pelas circunstâncias particulares em que a avaliação da satisfação com o suporte social ocorreu, isto é, após o primeiro aliviar das medidas de confinamento.

A fase de desconfinamento implicou novas alterações nas medidas restritivas em vigor até ao momento tais como, o regresso à escola, a possibilidade de realização de

atividades em grupo, o restabelecimento de contactos físicos, entre outros. Relativamente à amostra que participou neste estudo, apenas não foi possível o regresso ao espaço da escola, pelo que foram mantidas as aulas em formato *online*.

De acordo com a evidência da literatura, as/os adolescentes permanecem maioritariamente em contexto escolar diariamente, sendo este um espaço que promove a formação e ligação de grupo de pares (Gouveia-Pereira et al., 2000; Tian et al., 2014). Acresce, o estudo realizado por Glowackz e Schmits (2020) que demonstrou que as/os adolescentes indicaram sentir falta do contacto direto com as/os amigas/os, familiares e colegas, aquando dos primeiros meses da pandemia, reportando ainda, que o(s) contacto(s) através das redes sociais não foram o suficiente. Por último, estes resultados vão também de encontro com o estudo efetuado por Singh et al. (2020), em que as restrições podem comprometer o funcionamento social das/os adolescentes e promover a emergência de psicopatologia. Assim, uma avaliação mais positiva da satisfação com o suporte social durante a exposição à COVID-19, comparativamente a momentos pré-COVID-19, pode refletir o aliviar das medidas restritivas de combate à pandemia. As/os adolescentes, neste momento, restabeleceram o contacto presencial com a sua rede social o que pode ter contribuído para uma melhor perceção relativamente a esta dimensão.

A satisfação das necessidades psicológicas básicas como preditor da satisfação com o suporte social

Os resultados indicam que a satisfação das necessidades psicológicas básicas prediz significativamente a perceção de satisfação com o suporte social, em adolescentes, durante a exposição à COVID-19. A satisfação com o suporte social é uma das dimensões que contribui para as necessidades psicológicas básicas, alicerçando-se no dinamismo das relações interpessoais nomeadamente, nas pessoas com quem são estabelecidas interações e em que contextos são feitas (Simões & Alarcão, 2013; Zhang et al., 2015).

Os nossos resultados vão de encontro a outro estudo (Tian et al., 2016) onde os autores verificaram que a satisfação das necessidades psicológicas básicas se constitui como um forte preditor da perceção de satisfação com o suporte social.

Especificamente para as/os adolescentes, a escola é vista como um contexto de particular importância para a satisfação destas necessidades, uma vez que é dos principais contextos onde estão inseridas/os. Estudos demonstraram que, quer a autonomia, quer o sentimento de pertença, contribuem para o envolvimento positivo na escola, bem como para um melhor desempenho académico (Connell & Wellborn, 1991; Flink et al., 1990; Ryan & Deci, 2000; Ryan & Powelson, 1991; Wentzel et al., 2004). Um outro estudo (Orkibi & Ronen, 2017), verificou que, quer as raparigas quer os rapazes, com elevada competência de autocontrolo reportaram maior satisfação das necessidades psicológicas básicas na escola e, conseqüentemente, maior bem-estar subjetivo relacionado com a escola. Por último, um estudo longitudinal (Tian et al., 2015), mostrou que, quer os fatores sociais contextuais (e.g., apoio social relacionado à escola), quer os fatores individuais (e.g., competência escolar, aceitação social), parecem ser fundamentais para o bem-estar subjetivo das/os adolescentes na escola. Pode ser possível, portanto, que mesmo com as escolas encerradas no momento de avaliação destes constructos, as/os adolescentes tenham mantido o sentido de pertença a este contexto devido ao retomar das relações presenciais com a sua rede social, que foram recuperadas com o aliviar das medidas de confinamento.

Neste sentido, é possível que a satisfação das necessidades psicológicas básicas possa estar associada à promoção do bem-estar global das/os adolescentes, assim como com o seu envolvimento em comportamentos positivos (Chirkov & Ryan, 2001; Deci & Ryan, 2002; Patrick et al., 2007; Reis et al., 2000; Ryan & Deci, 2000). Quando tal não acontece, então, considera-se a possibilidade de emergência de comportamentos

negativos e frustração (Behzadnia & FatahModares, 2020). De acordo com Milyavskaya e Koestner (2011), a satisfação destas necessidades é fundamental para o funcionamento dos indivíduos, quer num modo global quer em contextos específicos (e.g., escola, trabalho, hobbies).

Considerando o contexto de pandemia de COVID-19, estes resultados parecem corroborar outra evidencia (Ellis et al., 2020; Wang et al., 2020), indicando que a falta de contacto com os pares e com o contexto escolar foi particularmente difícil para as/os adolescentes, potenciando o isolamento social (Sheridan et al., 2020). Contudo, o aliviar das medidas de mitigação e combate à pandemia, como o retomar presencial das relações sociais, parecem ter promovido um ajustamento positivo a circunstâncias tão desafiadoras para as/os adolescentes.

Limitações do estudo

Relativamente às limitações no decurso deste estudo, foram várias, visto que este estudo decorreu durante o período de pandemia COVID-19. Primeiramente, o facto de a recolha de dados, no segundo momento, ter sido realizada em formato *online*. No decorrer deste processo, a/o professor(a) não esteve presente, pelo que não foi possível ajudar as/os estudantes no esclarecimento de possíveis dúvidas que pudessem surgir no preenchimento dos questionários.

De igual modo, as respostas a itens durante o preenchimento dos questionários *online* podem ter suscitado maior vulnerabilidade, mal-estar e/ou desorganização emocional nas/os adolescentes. Face ao exposto, não nos foi possível realizar uma identificação destas vulnerabilidades assim como, dar uma resposta às mesmas.

A avaliação das necessidades psicológicas básicas ocorreu, apenas, no segundo momento (durante a exposição à COVID-19), pelo que poderia ter sido interessante a avaliação desta medida previamente ao surgimento da pandemia de COVID-19.

Adicionalmente, futuros estudos poderiam tentar perceber a correlação destas dimensões (satisfação com o suporte social e satisfação com as necessidades psicológicas básicas) com medidas de avaliação de mal-estar psicológico (e.g., ansiedade, depressão). Desta forma, incluir um questionário de avaliação para a ansiedade, depressão ou outra patologia, permitiria perceber (durante a COVID-19) como é que as/os adolescentes com esta patologia reportam a satisfação com o suporte social. E, perante isto, perceber se seria pertinente uma abordagem intervencional no âmbito do suporte social. Ademais, incluir covariáveis que avaliem o número de amigas/os bem como o número de vezes que estas/estes estabelecem contacto com as/os mesmos, com o intuito de perceber se estas se encontram relacionadas com a perceção de satisfação com o suporte social.

Conclusão

Com vista ao aprofundamento dos conhecimentos acerca da perceção de satisfação com o suporte social associada à satisfação das necessidades psicológicas básicas, em adolescentes, o presente estudo distingue-se pelo enfoque dado ao evento situacional de pandemia de COVID-19.

A perceção da satisfação com o suporte social parece estar associada à satisfação das necessidades psicológicas básicas. Mais ainda se conclui que a satisfação das necessidades psicológicas básicas prediz significativamente a perceção de satisfação com o suporte social, em contexto escolar e durante a exposição à pandemia de COVID-19. Estes resultados acrescentam à literatura existente a possibilidade de serem consideradas diferentes modalidades de intervenção na prática clínica de forma a auxiliar as/os adolescentes a lidar com o *stress* decorrente da pandemia de forma adaptativa e, consequentemente, aumentar o seu bem-estar físico, psicológico e emocional.

Referências Bibliográficas

- Abuhmaidan, Y., & Al-Majali, S. (2020). The Impact of the Coronavirus Pandemic on Mental Health among Al Ain University Students in Light of some Demographic Variables. *Psychiatr Danub*, 32, 482-490. <https://doi.org/10.24869/psyd.2020.482>
- Achat, H., Kawachi, I., Levine, S., Berkey, C., Coakley, E., & Colditz, G. (1998). Social networks, stress and health-related quality of life. *Quality of Life Research*, 7, 735-750. <https://doi.org/10.1023/a:1008837002431>
- Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.333>
- Alves-Martins, M. (1998). Dinâmica de escola e identidades sociais. *Actas do IX colóquio de psicologia e educação*, 43-49. ISPA.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological wellbeing in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453. <https://doi.org/10.1007/BF02202939>
- Backer, J. A., Klinkenberg, D., & Wallinga, J. (2020). Incubation period of 2019 novel coronavirus (2019-nCoV) infections among travellers from Wuhan, China. *Eurosurveillance*, 25(5), 2000062. <https://doi.org/10.2807/1560-7917.ES.2020.25.5.2000062>
- Baptista, M., Baptista, A., & Dias, R. (2001). Estrutura e Suporte Familiar como Fatores de Risco na Depressão de Adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21(2), 52-61. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000200007>
- Behzadnia, B., & FatahModares, S. (2020). Basic Psychological Need-Satisfying Activities during the COVID-19 Outbreak. *Applied Psychology: Health and Well-Being*, 12(4), 1115–1139. <https://doi.org/10.1111/aphw.12228>
- Bizarro, L. (1999). *O bem-estar psicológico durante a adolescência* [Tese de Doutoramento]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/42412>

- Boosman, K., Meulen, M., Geert, P., & Jackson, S. (2002). Measuring young children's perceptions of support, control and maintenance in their social networks. *Social Development, 11*(3), 386-408. <https://doi.org/10.1111/1467-9507.00206>
- Brammer, L. M., & Abrego, P. J. (1981). Intervention strategies for coping with transitions. *The Counseling Psychologist, 9*(2), 19-36. <https://doi.org/10.1177/001100008100900203>
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet, 395*(10227), 912-920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Brown, B. B., Eicher, S. A., & Petrie, S. (1986). The importance of peer group ("crowd") affiliation in adolescence. *Journal of Adolescence, 9*(1), 73-96. [https://doi.org/10.1016/S0140-1971\(86\)80029-X](https://doi.org/10.1016/S0140-1971(86)80029-X)
- Bru, E., Murberg, T. A., & Stephens, P. (2001). Social support, negative life events and pupil misbehaviour among young Norwegian adolescents. *Journal of Adolescence, 24*(6), 715-727. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0434>
- Caffo, E., Scandroglio, F., & Asta, L. (2020). Debate: COVID-19 and psychological well-being of children and adolescents in Italy. *Child and Adolescent Mental Health, 25*(3), 167-168. <https://doi.org/10.1111/camh.12405>
- Campione-Barr, N., Rote, W., Killoren, S. E., & Rose, A. J. (2021). Adolescent Adjustment During COVID-19: The Role of Close Relationships and COVID-19-related Stress. *Journal of Research on Adolescence, 31*(3), 608-622. <https://doi.org/10.1111/jora.12647>
- Canavarro, M. C., Morgado, L., Pereira, M., & Barahona, F. (2004). A adolescência, a mulher e a SIDA. In *IV HIV/AIDS Virtual Congress: "A Mulher e a Infecção pelo HIV/SIDA"* (pp. 109-122). SIDAnet: Associação Lusófona.
- Cavalli, A., & De Lillo, A. (1988). *Giovani anni '80*. Il Mulino.
- Cheng, C. (1997). Role of perceived social support on depression in Chinese adolescents: A prospective study examining the buffering model. *Journal of Applied Social Psychology, 27*(9), 800-820. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1997.tb00660.x>

- Chirkov, V. I., & Ryan, R. M. (2001). Parent and teacher autonomy-support in Russian and US adolescents: Common effects on well-being and academic motivation. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32(5), 618–635. <https://doi.org/10.1177/0022022101032005006>
- Cicchetti, D., & Rogosch, F. A. (2002). A developmental psychopathology perspective on adolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 79(1), 6-20. <https://doi.org/10.1037//0022-006x.70.1.6>
- Cicchetti, D., Toth, S., & Lynch, M. (1995). Bowlby's dream comes full circle. In T. H. Ollendick, & R. J. Prinz (Eds.), *Advances in Clinical Child Psychology*, 17, 1-75. Plenum Press. https://doi.org/10.1007/978-1-4757-9044-3_1
- Claes, (1985). *Problemas da adolescência*. Verbo.
- Claes, M., Lacourse, E., Ercolani, A. P., Pierro, A., Leone, L., & Presaghi, F. (2005). Parenting, peer orientation, drug use, and antisocial behavior in late adolescence: A cross-national study. *Journal of Youth and Adolescence*, 34(5), 401-411. <https://doi.org/10.1007/s10964-005-7258-8>
- Cleto, P., & Costa, M. E. (1996). *Estratégias de coping no início da adolescência*.
- Colarossi, L. (2001). Adolescents gender differences in social support: structure, functions and provider type. *Social Work Research*, 25(4), 233-241. <https://doi.org/10.1093/swr/25.4.233>
- Connell, J. P., & Wellborn, J. G. (1991). Competence, autonomy and relatedness: a motivational analysis of self-system processes. In M. R. Gunnar, & L. A. Sroufe (Eds.), *Minnesota symposium on child psychology*, 23, 43–77. Chicago University Press.
- Cotterel, J. (1996). *Social networks and social influences in adolescence*. Routledge.
- Courtney, D., Watson, P., Battaglia, M., Mulsant, B. H., & Szatmari, P. (2020). COVID-19 impacts on child and youth anxiety and depression: challenges and opportunities. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 65(10), 688-691. <https://doi.org/10.1177/0706743720935646>
- Coventry, W., Gillespie, N., Heath, A., & Martin, N. (2004). Perceived social support in a large community sample: age and sex differences. *Social Psychiatry and*

Psychiatric Epidemiology, 39(8), 625-636. <https://doi.org/10.1007/s00127-004-0795-8>

Cramer, D., Henderson, S., & Scott, R. (1997). Mental health and desired social support: a four-wave panel study. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14(6), 761-775. <https://doi.org/10.1177/0265407597146003>

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. Plenum.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227-268. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2002). Overview of self-determination theory: An organismic dialectical perspective. In E. L. Deci, & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp.3-33). University of Rochester Press.

Diário da República Eletrónico (DRE). (2020). Decreto-Lei n.º 14-A/2020. Ministério da Defesa Nacional. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/130399862/details/maximized>

Diener, E., Wirtz, D., Biswas-Diener, R., Tov, W., Kim-Prieto, C., Choi, D. W., et al. (2009). *New Measures of Well-Being*, 247-266. Springer Netherlands.

Dunbar, M., Ford, G., & Hunt, K. (1998). Why is the receipt social support associated with increased psychosocial distress? An examination of three hypotheses. *Psychology and Health*, 13(3), 527-544. <https://doi.org/10.1080/08870449808407308>

Ellis, W. E., Dumas, T. M., & Forbes, L. M. (2020). Physically isolated but socially connected: Psychological adjustment and stress among adolescents during the initial COVID-19 crisis. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 52(3), 177-187. <https://doi.org/10.1037/cbs0000215>

Evans, E. Hawton, K., & Rodham, K. (2004). Factors Associated with Suicidal Behavior Phenomena in Adolescents: a systematic review of population-based studies. *Clinical psychology review*, 24(8), 957-979. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.04.005>

- Farkas, M. S., & Grolnick, W. S. (2010). Examining the components and concomitants of parental structure in the academic domain. *Motivation and Emotion, 34*(3), 266–279. <https://doi.org/10.1007/s11031-010-9176-7>
- Field, A. (2018). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (5^a Ed.). Sage Publications.
- Flink, C., Boggiano, A. K., & Barrett, M. (1990). Controlling teaching strategies: Undermining children's self-determination and performance. *Journal of personality and social psychology, 59*(5), 916-924. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.916>
- Fragoso, S., Rosário, A. C., & Candeias, A. A. (2019). Inteligência emocional, resiliência e bem-estar função do percurso formativo. *Desenvolvimento ao longo da vida: Aprendizagem, Bem-estar e Inclusão, 7*, 122-147. Repositório da Universidade de Évora.
- Franco et al. (2019). *Psicologia & Psicoterapia*. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/27121/1/Dicionario%20Psicologia.pdf>
- Franic, T., & Dodig-Curkovic, K. (2020). Covid-19, child and adolescent mental health—Croatian (in)experience. *Irish Journal of Psychological Medicine, 37*(3), 214-217. <https://doi.org/10.1017/ipm.2020.55>
- Furrer, C., & Skinner, E. (2003). Sense of relatedness as a factor in children's academic engagement and performance. *Journal of Educational Psychology, 95*(1), 148-162. <https://doi.org/10.1037/0022-0663.95.1.148>
- Galambos, N., Leadbeater, B., & Barker, E. (2004). Gender differences in and risk factors for depression in adolescence: A 4-year longitudinal study. *International Journal of Behavioral Development, 28*(1), 16-25. <https://doi.org/10.1080/01650250344000235>
- Gaspar, T., Ribeiro, J. L. P., Matos, M. G., Leal, I., & Ferreira, A. (2009). Psychometric properties of a brief version of the Escala de Satisfação com o Suporte Social for Children and Adolescents. *The Spanish Journal of Psychology, 12*(1), 360-372. <https://doi.org/10.1017/S113874160000175X>

- Glowacz, F., & Schmits, E. (2020). Psychological distress during the COVID-19 lockdown: The young adults most at risk. *Psychiatry Research*, 293, 113486. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113486>
- Golden, T. (2002). Acknowledging the masculine and feminine in offering support. In J. Morgan (Eds.), *A reflection of humanity*. Baywood Publishing Company.
- Gordon, D. E. (1990). Formal operational thinking: The role of cognitive development processes in adolescent decision-making about pregnancy and contraception. *American Journal of Orthopsychiatry*, 60(3), 346-356. <https://doi.org/10.1037/h0079156>
- Gouveia-Pereira, M., Pedro, I., Amaral, V., Martins, M. A., & Peixoto, F. (2000). Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise Psicológica*, 18(2), 191-201. <https://doi.org/10.14417/ap.414>
- Gouveia-Pereira, M. (1995). *A percepção do papel do grupo de pares nas tarefas de desenvolvimento em adolescentes e pais* [Dissertação de Mestrado não publicada]. ISPA.
- Gouveia-Pereira, M. (1998). *Os adolescentes e os pais: Diferentes percepções acerca do grupo de pares*. Actas do IX colóquio de psicologia da educação, 71-97. ISPA.
- Grant, K. E., Compas, B. E., Thurm, A. E., McMahon, S. D., & Gipson, P. Y. (2004). Stressors and child and adolescent psychopathology: Measurement issues and prospective effects. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 33(2), 412–425. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp3302_23
- Grant, K. E., Compas, B. E., Stuhlmacher, A. F., Thurm, A. E., McMahon, S. D., & Halpert, J. A. (2003). Stressors and child and adolescent psychopathology: Moving from markers to mechanisms of risk. *Psychological Bulletin*, 129(3), 447–466. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.447>
- Green-Demers, I. (2006). The snowball effect of social support: cumulative influence of teachers, parents, and friends on academic motivation. In *Proceedings of the 7th Annual Conference of the Society for Personality and Social Psychology*. CA.

- Grolli, V., Wagner, M. F., & Dalbosco, S. N. P. (2017). Sintomas depressivos e de ansiedade em adolescentes do ensino médio. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(1), 87-103. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.2123>
- Guessoum, S. B., Lachal, J., Radjack, R., Carretier, E., Minassian, S., Benoit, L., & Moro, M. R. (2020). Adolescent psychiatric disorders during the COVID-19 pandemic and lockdown. *Psychiatry Research*, 291, 113264. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113264>
- Hayward, C., & Sanborn, K. (2002). Puberty and the emergence of gender differences in psychopathology. *Journal of Adolescent Health*, 30(4), 49-58. [https://doi.org/10.1016/S1054-139X\(02\)00336-1](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(02)00336-1)
- Helgeson, V. (2003). Social support and quality of life. *Quality of Life Research*, 12(1), 25-31. <https://doi.org/10.1023/a:1023509117524>
- Hoffmann, M. L., Powlisha, K. K., & White, K. J. (2004). An Examination of Gender Differences in Adolescent Adjustment: The Effect of Competence on Gender Role Differences in Symptoms of Psychopathology. *Sex Roles*, 50(11-12), 795-810. <https://doi.org/10.1023/B:SERS.0000029098.38706.b1>
- Holzer, J., Korlat, S., Haider, C., Mayerhofer, M., Pelikan, E., Schober, B., & Lüftenegger, M. (2021). Adolescent well-being and learning in times of COVID-19: A multi-country study of basic psychological need satisfaction, learning behavior, and the mediating roles of positive emotion and intrinsic motivation. *PloS one*, 16(5). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0251352>
- Imran, N., Zeshan, M., & Pervaiz, Z. (2020). Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 Pandemic. *Pakistan Journal of Medical Sciences*, 36(4), 67-72. <https://doi.org/10.12669/pjms.36.COVID19-S4.2759>
- Inhelder, B., & Piaget, J. (1955). *De la logique de l'enfant à la logique de l'adolescent*. P.U.F
- Işikli, S. (2020). COVID-19 Salgını'nın Psikolojik Sonuçları ve Etkili Başa Çıkma Yöntemleri, Hacettepe Üniversitesi Psikoloji Bölümü. *Hacettepe University*, 1–36. https://corona.hacettepe.edu.tr/wpcontent/uploads/2020/06/Covid-19_psikolojik_sonuclari_basa_cikma_yontemleri.pdf

- Koçak, O., Koçak, Ö. E., & Younis, M. Z. (2021). The Psychological Consequences of COVID-19 Fear and the Moderator Effects of Individuals' Underlying Illness and Witnessing Infected Friends and Family. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(4), 1836. <https://doi.org/10.3390/ijerph18041836>
- Kroger, J. (2000). *Identity development: Adolescence through adulthood*. Sage Publications.
- Lazarus, R. S. (1993). Coping theory and research: Past, present and future. *Psychosomatic Medicine*, 55(3), 234-247. <https://doi.org/10.1097/00006842-199305000-00002>
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1991). The concept of coping. In A. Monat, & R. S. Lazarus (Eds.), *Stress and coping: An anthology* (pp. 189-206). Columbia University Press.
- Lemos, I. (2009). *Adversidade psicossocial, resiliência e saúde mental na adolescência* [Tese de Doutorado]. Universidade do Algarve.
- Licitra-Kleckler, D. M., & Waas, G. A. (1993). Perceived social support among high-stress adolescents: The role of peers and family. *Journal of Adolescent Research*, 8(4), 381-402. <https://doi.org/10.1177/074355489384003>
- Lim, M. (2020). *Achieving resilience during COVID-19: psycho-social risk & protective factors amidst a pandemic in adolescents*. Mental Health Research Matters. <https://mentalhealthresearchmatters.org.uk/achieving-resilience-during-covid-19-psycho-social-risk-protective-factors-amidst-a-pandemic-in-adolescents/>
- Love, K. M., & Murdock, T. B. (2004). Attachment to parents and psychological wellbeing: An examination of young adult college students in intact families and stepfamilies. *Journal of Family Psychology*, 18(4), 600-608. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.4.600>
- Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C. Fonseca (Eds.), *Comportamento anti-social e crime* (pp. 291-321). Almedina.
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: O estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6(1), 97-115.

- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(2), 5-28. https://doi.org/10.14195/1647-8614_41-2_1
- McLaughlin, K. A., & King, K. (2014). Trayectorias evolutivas de la ansiedad y la depresión en la adolescencia temprana. *Diario de la psicología infantil anormal*, 43(2), 311–323. <https://doi.org/10.1007/s10802-014-9898-1>
- Magson, N. R., Freeman, J. Y., Rapee, R. M., Richardson, C. E., Oar, E. L., & Fardouly, J. (2021). Risk and protective factors for prospective changes in adolescent mental health during the COVID-19 pandemic. *Journal of Youth and Adolescence*, 50(1), 44-57. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01332-9>
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Psiquilíbrios Edições.
- Martins, M. J. D. (2005). Conduitas agressivas na adolescência: fatores de risco e de proteção. *Análise Psicológica*, 23(2), 129-135. <https://doi.org/10.14417/ap.77>
- Massad, I., Al-Taher, R., Massad, F., Al-Sabbagh, M. Q., Haddad, M., & Abufaraj, M. (2020). The impact of the COVID-19 pandemic on mental health: early quarantine-related anxiety and its correlates among Jordanians. *Eastern Mediterranean Health Journal*, 26(10), 1165–1172. <https://doi.org/10.26719/emhj.20.115>
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American psychologist*, 56(3), 227. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.227>
- Meehan, M. P., Durlak, J. A., & Bryant, F. B. (1993). The relationship of social support to perceived control and subjective mental health in adolescents. *Journal of Community Psychology*, 21(1), 49-55. [https://doi.org/10.1002/1520-6629\(199301\)21:1<49::AID-JCOP2290210106>3.0.CO;2-i](https://doi.org/10.1002/1520-6629(199301)21:1<49::AID-JCOP2290210106>3.0.CO;2-i)
- Meeus, W., & Dekovic, M. (1995). Identity development, parental and peer support in adolescence: Results of a national Dutch survey. *Adolescence*, 30(120), 931-944.
- Mental Health Foudation. (2020a). *Coronavirus: Mental health in the pandemic*. <https://www.mentalhealth.org.uk/our-work/research/coronavirus-mental-healthpandemic>

- Mental Health Foudation. (2020b). *Loneliness during coronavirus*.
<https://www.mentalhealth.org.uk/coronavirus/loneliness-during-coronavirus>
- Mesquita, C., Ribeiro, F., Mendonça, L., & Maia, Â. (2011). Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 97-109. <https://doi.org/10.34628/by01-wm12>
- Milyavskaya, M., & Koestner, R. (2011). Psychological needs, motivation, and well-being: a test of self-determination theory across multiple domains. *Personality and Individual Differences*, 50(3), 387–391. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.10.029>
- Miranda, D., Athanasio, B., Oliveira, A. C., & Simoes-e-Silva, A. C. (2020). How is COVID-19 pandemic impacting mental health of children and adolescents? *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 51. <https://doi.org/10.1016/j.ijdrr.2020.101845>
- Moreira, C. S. D. S. (2017). *O papel mediador da satisfação das necessidades psicológicas básicas na relação entre clima parental e desenvolvimento positivo na adolescência* [Dissertação de Mestrado]. Repositório da Universidade Portucalense. <http://hdl.handle.net/11328/2035>
- Natvig, G., Albrektsen, G., & Qvarnstrom, U. (2003). Methods of teaching and class participation in relation to perceived social support and stress: modifiable factors for improving health and wellbeing among adolescents. *Educational Psychology*, 23(3), 261-274. <https://doi.org/10.1080/0144341032000060101>
- Youngs Mind, (2020). *Coronavirus: impact on young people with mental health needs*. <https://www.youngminds.org.uk/media/xq2dnc0d/youngminds-coronavirus-report-march2020.pdf>
- Nunes, J. S., Pais, J. M., & Schmidt, L. (1989). *A convivialidade e a relação com os outros*. ICS.
- Olbrich, E. (1984). Adolescence. A period of crisis or coping? In E. Olbrich, & E. Todt (Eds.), *Problems of adolescence*. Springer.
- Oram, R., Rogers, M., & DuPaul, G. (2020). Explaining the Relationship between ADHD Symptomatology and Amotivation in the Undergraduate Population: The Role of

- Basic Psychological Need Frustration. *Canadian Journal of School Psychology*, 35(2), 139–153. <https://doi.org/10.1177/0829573519880063>
- Orkibi, H., & Ronen, T. (2017). Basic psychological needs satisfaction mediates the association between self-control skills and subjective well-being. *Frontiers in psychology*, 8, 936. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00936>
- Ornelas, J. (1994). Suporte social: Origens, conceitos e áreas de intervenção. *Análise Psicológica*, 2(12), 333-339.
- Pallab, K., Maulik, Graham, T., & Shekhar, S. (2020). Roadmap to strengthen global mental health systems to tackle the impact of the COVID-19 pandemic. *International Journal of Mental Health Systems*, 14(1), 1-13. <https://doi.org/10.1186/s13033-020-00393-4>
- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1990). Adolescents and their peer groups: A study on the significance of peers, social categorisation process and coping with developmental tasks. *Social Behaviour*, 5, 33-49.
- Palmonari, A., Kirchler, E., & Pombeni, M. L. (1991). Differential effects of identification with family and peers on coping with developmental tasks in adolescence. *European Journal of Social Psychology*, 21(5), 381-402. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420210503>
- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1992). Evolution of the self-concept in adolescence and social categorisation processes. *European Review of Social Psychology*, 3(1), 381-402. <https://doi.org/10.1080/14792779243000096>
- Patrick, H., Knee, C. R., Canevello, A., & Lonsbary, C. (2007). The role of need fulfillment in relationship functioning and well-being: a self-determination theory perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92(3), 434–457. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.92.3.434>
- Paus, T., Keshavan, M., & Giedd, J. N. (2008). Why do many psychiatric disorders emerge during adolescence? *Nature reviews Neuroscience*, 9(12), 947–957. <https://doi.org/10.1038/nrn2513>
- Qi, M., Zhou, S. J., Guo, Z. C., Zhang, L. G., Min, H. J., Li, X. M., & Chen, J. X. (2020). The Effect of Social Support on Mental Health in Chinese Adolescents During the

- Outbreak of COVID-19. *Journal of Adolescent Health*, 67(4), 514-518. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.07.001>
- Raja, S. M., McGee, R., & Stanton, W. R. (1992). Perceived attachments to parents and peers and psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 21(4), 471-485. <https://doi.org/10.1007/BF01537898>
- Ran, L., Wang, W., Ai, M., Kong, Y., Chen, J., & Kuang, L. (2020). Psychological resilience, depression, anxiety, and somatization symptoms in response to COVID-19: A study of the general population in China at the peak of its epidemic. *Social Science & Medicine*, 262, 113261. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2020.113261>
- Reeve, J. (2002). Self-determination theory applied to educational settings. In E. Deci, & R. Ryan (Eds.), *Handbook of Self-Determination Research* (pp. 183–204). The University of Rochester Press.
- Reis, H. T., Sheldon, K. M., Gable, S. L., Roscoe, J., & Ryan, R. M. (2000). Daily well-being: the role of autonomy, competence, and relatedness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(4), 419–435. <https://doi.org/10.1177/0146167200266002>
- Rhee, K., Luming, J., Appugliese, D., Kaciroti, N., & Bradley, R. (2006). Parenting styles and overweight status in first grade. *Pediatrics*, 117(6), 2047-2054. <https://doi.org/10.1542/peds.2005-2259>
- Ribeiro, J. L. P. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3(17), 547-558.
- Rice, K. G., Herman, M. A., & Petersen, A. C. (1993). Coping with challenge in adolescence: A conceptual model and psychoeducational intervention. *Journal of Adolescence*, 16(3), 235-251. <https://doi.org/10.1006/jado.1993.1023>
- Riesch, S., Anderson, L., & Krueger, H. (2006). Parent-Child Communication Process: Preventing Children Health Risk Behavior. *Journal of Specialists in Pediatric Nursing*, 11(1), 41-56. <https://doi.org/10.1111/j.1744-6155.2006.00042.x>
- Rouxinol, F. (2018). *Ansiedade e psicopatologia do desenvolvimento: a fobia social na adolescência*.

- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist*, *55*(1), 68–78. <https://doi.org/10.1037//0003-066X.55.1.68>
- Ryan, R. M., & Powelson, C. L. (1991). Autonomy and relatedness as fundamental to motivation and education. *The Journal of Experimental Educational*, *60*(1), 49–66. <https://doi.org/10.1080/00220973.1991.10806579>
- Ryan, R. M., Stiller, J. D., & Lynch, J. H. (1994). Representations of relationships to teachers, parents, and friends as predictors of academic motivation and self-esteem. *The Journal of Early Adolescence*, *14*(2), 226-249. <https://doi.org/10.1177/027243169401400207>
- Ryff, C. D., Love, G. D., Essex, M. J., & Singer, B. (1998). Resilience in Adulthood and Later Life. In *Handbook of Aging and Mental Health*, 69-96. Springer.
- Šakan, D., Žuljević, D., & Rokvić, N. (2020). The role of basic psychological needs in well-being during the covid-19 outbreak: A self-determination theory perspective. *Frontiers in Public Health*, *12*(8), 713. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2020.583181>
- Sarason, I., Pierce, G., & Sarason, B. (1994). Relationship-Specific Social Support: Toward a model for the analysis of supportive interactions. In B. R. Burlinson, T. L. Albrecht, & I. G. Sarason (Eds.), *Communication of social support: messages, interactions, relationships, and community* (pp. 91-112). Sage Publications.
- Scharf, M., Mayseless, O., & Kivenson-Baron, I. (2004). Adolescents' attachment representations and developmental tasks in emerging adulthood. *Developmental Psychology*, *40*(30), 430-444. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.40.3.430>
- Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*, *9*(2), 2-18. <https://doi.org/10.1177/001100008100900202>
- Sheridan, A., Andersen, A. L., Hansen, E. T., & Johannesen, N. (2020). Social distancing laws cause only small losses of economic activity during the COVID-19 pandemic in Scandinavia. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, *117*(34), 20468–20473. <https://doi.org/10.1073/pnas.2010068117>

- Sherif, M. (1984). Las influencias del grupo en la formación de normas y actitudes. *Estudios básicos de Psicología Social*. Hora.
- Simões, F., & Alarcão, M. (2013). Satisfação de necessidades psicológicas básicas em crianças e adolescentes: adaptação e validação da ESNPBR / Fulfillment of children's and adolescents' basic psychological needs: adaptation and validation of the basic psychological needs satisfaction scale. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(2), 261–269. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000200006>
- Singh, S., Roy, D., Sinha, K., Parveen, S., Sharma, G., & Joshi, G. (2020). Impact of COVID-19 and lockdown on mental health of children and adolescents: A narrative review with recommendations. *Psychiatry Research*, 293. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113429>
- Skeeg, K. (2005). Self-Harm. *The Lancet*, 28(336), 1471-1483. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(05\)67600-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(05)67600-3)
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: teoria e investigação das relações de vinculação. *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*, 381-434. Quarteto.
- Sprinthall, N., & Collins, W. (1994). *Psicologia do Adolescente: uma Abordagem Desenvolvimentista*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stern, M., Wagner, M. H., & Thompson, L. A. (2020). Current and COVID-19 Challenges With Childhood and Adolescent Sleep. *JAMA Pediatrics*, 174(11), 1124. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2020.2784>
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais*. Livros Horizonte.
- Taylor, M., Barr, M., Stevens, G., Bryson-Taylor, D., Agho, K., Jacobs, J., & Raphael, B. (2010). Psychosocial stress and strategies for managing adversity: measuring population resilience in New South Wales, Australia. *Population health metrics*, 8(1), 1-9. <https://doi.org/10.1186/1478-7954-8-28>
- Tian, L., Han, M., & Huebner, E. S. (2014). Preliminary development of the Adolescent Students' Basic Psychological Needs at School Scale. *Journal of Adolescence*, 37(3), 257–267. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.01.005>

- Tian, L., Tian, Q., & Huebner, E. S. (2016). School-related social support and adolescents' school-related subjective well-being: The mediating role of basic psychological needs satisfaction at school. *Social Indicators Research, 128*(1), 105-129. <https://doi.org/10.1007/s11205-015-1021-7>
- Tian, L., Zhao, J., & Huebner, E. S. (2015). School-related social support and subjective well-being in school among adolescents: The role of self-system factors. *Journal of Adolescence, 45*, 138-148. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.09.003>
- Van Bortel, T., Basnayake, A., Martin, S., Nellums, L. B., Wurie, F., Jambai, M., Koroma, A. S., Muana, A. T., Hann, K., & Eaton, J. (n.d.). Psychosocial effects of an ebola outbreak at individual, community and international levels. *Bulletin of the World Health Organization, 94*(3), 210–214. <https://doi.org/10.2471/BLT.15.158543>
- Vansteenkiste, M., & Ryan, R. M. (2013). On psychological growth and vulnerability: Basic psychological need satisfaction and need frustration as a unifying principle. *Journal of Psychotherapy Integration, 23*(3), 263–280. <https://doi.org/10.1037/a0032359>
- Wagner, B. M., & Compas, B. E. (1990). Gender instrumentality and expressivity: Moderators of the relation between stress and psychological symptoms during adolescence. *American Journal of Community Psychology, 18*(3), 383-406. <https://doi.org/10.1007/BF00938114>
- Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *Lancet, 395*(10228), 945–947. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X)
- Wang, J., Lloyd-Evans, B., Giacco, D., Forsyth, R., Nebo, C., Mann, F., & Johnson, S. (2017). Social isolation in mental health: a conceptual and methodological review. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology, 52*(12), 1451-1461. <https://doi.org/10.1007/s00127-017-1446-1>
- Wathelet, M., Duhem, S., Vaiva, G., Baubet, T., Habran, E., Veerapa, E., Debien, C., Molenda, S., Horn, M., Grandgenèvre, P., & et al. (2020). Factors Associated With Mental Health Disorders Among University Students in France Confined During the

- COVID-19 Pandemic. *JAMA Network Open*, 3(10).
<https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.25591>
- Wentzel, K. R., Barry, C. M. N., & Caldwell, K. A. (2004). Friendships in middle school: influences on motivation and school adjustment. *Journal of Educational Psychology*, 96(2), 195–203.
- Williams, P., Holmbeck, G., & Greenley, R. (2002). Adolescent Health Psychology. *Journal of Consulting and Medicine Psychology*, 70(3), 828-842.
<https://doi.org/10.1037/0022-006X.70.3.828>
- Winefield, H. R., Delfabbro, P. H., Winefield, A. H., Plueckhahn, T., & Malvaso, C. G. (2015). Adolescent predictors of satisfaction with social support six years later: An Australian longitudinal study. *Journal of Adolescence*, 44, 70–76.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.07.004>
- Yang, J., Ren, Y. J., Li, Y. M., & Tang, S. Y. (2021). The effect of physical exercise on mental well-being of the elderly: the mediating role of resilience. *Chinese Journal of Clinical Psychology*, 29, 191-194.
- Zaccoletti, S., Camacho, A., Correia, N., Aguiar, C., Mason, L., Alves, R. A., et al. (2020). Parents' perceptions of student academic motivation during the COVID-19 lockdown: a cross-country comparison. *Frontiers in Psychology*, 11, 592670.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.592670>
- Zhang, B., Yan, X., Zhao, F., & Yuan, F. (2015). The relationship between perceived stress and adolescent depression: The roles of social support and gender. *Social Indicators Research*, 123(2), 501-518. <https://doi.org/10.1007/s11205-014-0739-y>
- Zhu, S., Zhuang, Y., & Ip, P. (2021). Impacts on Children and Adolescents' Lifestyle, Social Support and Their Association with Negative Impacts of the COVID-19 Pandemic. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(9), 4780. <https://doi.org/10.3390/ijerph18094780>